



Já ninguém morre em Wall Street

No início da Grande Depressão de 1929 ficaram célebres os suicídios de empresários, investidores, capitães da indústria, e gente simples que, de um dia para o outro, viram desaparecer as suas poupanças. Apesar da crise global que, todos os dias, devora milhares de milhões de dólares, não há notícia de qualquer semelhante vaga de suicídios. Os grandes especuladores da bolsa de hoje não se comovem demasiado. Apostam nos Estados frágeis e manipulados que ao longo de dezenas de anos ajudaram a criar e sustentar. Políticos venais, fáceis de seduzir nas campanhas eleitorais, e depois delas. Uma rede de favores que se torna orgânica quando os «homens de Estado» são ou foram empresários e gestores. A América, como sempre, vai à frente: Bush, Cheney, Paulson são os «servidores públicos» que se salvam a si mesmos, com somas astronómicas dos contribuintes. Planos de ajuda gizados na vertigem. Mais lenha para um incêndio que não cessa de se alargar.

HÁ MUITAS EXPLICAÇÕES

possíveis para tentar compreender o modo como o capitalismo, sem predadores externos, se deixou mergulhar neste abismo de dimensões telúricas. Génios da bolsa, como George Soros e Warren Buffett, advertiram para as «armas financeiras de destruição maciça» que se escondiam atrás do *subprime*, e atrás de todas as outras bolhas que foram explodindo. Contudo há um factor essencial que permanece quase na sombra. Ao longo das últimas décadas fomos assistindo a uma verdadeira metamorfose moral na liderança do mundo ocidental. Onde antes existia um sentido de responsabilidade social e até familiar (as grandes

fortunas eram geridas por dinastias de sangue com um nome a defender), voltado para a acumulação no longo prazo, reina hoje uma irresponsabilidade e um anonimato absolutos. Reina o princípio do lucro máximo, sem olhar a consequências sociais, ambientais e até económicas. Estes homens jamais se suicidarão, pois há muito que perderam o quadro de valores que acompanha a decência ética. Como sugere Fareed Zakaria, numa obra já com cinco anos, os actuais multimilionários seriam incapazes de ter a coragem de empresários riquíssimos como John Jacob Astor, ou Benjamin Guggenheim, que pereceram no naufrágio do *Titanic*, respeitando o código de honra de «mulheres e crianças, primeiro».



Esta gente sem alma e o seu 'sistema' de sofrimento e injustiça globais não podem sobreviver à crise de que são responsáveis

Depois da longa crise de 1929, o pensamento económico de Keynes saiu triunfante e ajudou a trazer ordem e esperança ao mundo. Os seus princípios eram simples: a) aumentar o papel regulador do Estado na ordem interna e internacional (daí o sistema de Bretton-Woods que trouxe décadas de prosperidade, após 1944); b) investimento público como factor dinâmico; c) incentivos às empresas privadas; d) prioridade à criação de emprego. Criaram-se mecanismos imunitários. Separaram-se bancos de investimento de bancos comerciais, os bancos centrais vigiavam para que a massa monetária correspondesse à riqueza efectiva. Os «produtos tóxicos» de hoje e o crédito virtual ilimitado seriam impossíveis na lógica de Keynes.

NOS ÚLTIMOS 30 ANOS

tudo mudou. Enquanto Portugal se embriagava num marxismo tardio, a nova ideologia do capitalismo ultraliberal fazia o seu caminho. Primeiro na teoria, com os Prémios Nobel da Economia de F. von Hayek (1974) e de M. Friedman (1976). Depois, na prática. Com Thatcher e Reagan. «O Estado não é a solução, mas sim o problema.» Ou como diria depois um colaborador de Bush: «O que queremos é tornar o Estado tão pequeno que possa ser afogado numa banheira...» O ultraliberalismo está a ir mais longe do que foi o bolchevismo: está a destruir o Estado

e a fazer regressar a sociedade à hobbesiana «guerra de todos contra todos». Quando vemos Bush a nacionalizar bancos e a *Economist* a dizer como os governos devem agir para «salvar o sistema», ninguém de juízo são pode evitar uma profunda náusea moral. Esta gente sem alma e o seu «sistema» de sofrimento e injustiça globais não podem sobreviver à crise de que são responsáveis. ▣